



O ÁRDUO CAMINHO PARA O RECONHECIMENTO

DRAMATIZAÇÃO DE UMA PALESTRA SOBRE “THE ACADEMY AND THE CORPORATE PUBLIC” (A ACADEMIA E O PÚBLICO CORPORATIVO) – EM DUAS PARTES –

PARTE I – A ACADEMIA

Pesquisa, boêmia e auto-organização

Como parte do meu atual projeto de pesquisa “A Academia e o Público Corporativo”, eu gostaria de falar sobre o relacionamento entre a academia (como um campo discursivo das artes) e o público que passa por uma mudança profunda devido à influência de uma economia mundial corporativa.

Eu acredito que esta mudança tenha como consequência uma outra função da arte, um outro entendimento do papel do artista na sociedade e uma outra qualidade da educação e pesquisa acadêmica.

Qual é o papel da pesquisa institucional, auto-organização e a boêmia neste desenvolvimento?

Sobre a situação na Alemanha:

O outono de 2009 trouxe uma vasta onda de protestos e ocupação de prédios acadêmicos que se iniciou em Viena e se alastrou por inúmeras universidades da Europa e até dos EUA.

Estas ocupações são fruto do processo de Bolonha, que define institucionalmente a educação como produto comercial. Um fracasso total da política acadêmica em todos os sentidos!

* Em primeiro lugar, a introdução dos graus de bacharel e mestre e o sistema de créditos representa um rompimento com a tradição de Humboldt da qual a Alemanha sempre se orgulhou. Esta tradição compreendia a educação como um projeto completo que deveria tornar o indivíduo autônomo capaz de se moldar na sua capacidade de ser humano.

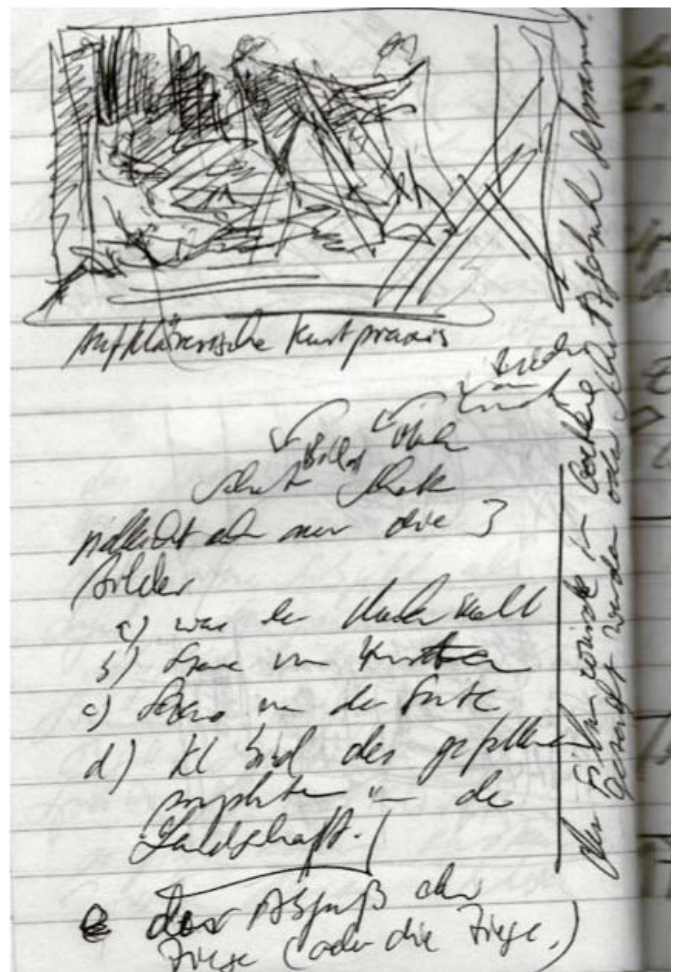
Esta definição de educação é hoje submetida a uma educação tecnocrática e os estudantes reconhecem que somente fatores econômicos definem a estrutura da educação universitária. Isto não surpreende tendo em vista que Berterlsmann, uma das maiores corporações da área de mídia, foi a principal incentivadora do processo de Bolonha.

* Em segundo lugar foram introduzidas taxas nas universidades. Antes estudantes podiam estudar gratuitamente e agora são obrigados a pagar em média 450 Euros por semestre. Este é um primeiro passo em direção a uma privatização da educação. A universidade se torna então uma corporação de conhecimento que visa o lucro.

* Em terceiro lugar os órgãos estudantis que foram eleitos democraticamente e que garantiam a autonomia da universidade são substituídos por estruturas corporativas. Por exemplo, os membros externos dos novos conselhos de fiscalização (conselhos de fiscalização das universidades) exercem uma influência desproporcional sobre as universidades. Na universidade de Munique foram eleitos para o conselho universitário líderes de grandes em-

presas como a Siemens, BMW e Roland Berger (ele próprio!).

As consequências devastadoras da política neoliberal para a arte, órgãos educacionais e toda a sociedade ficaram cada vez mais claras durante os anos que se passaram. No contexto do colapso dos mercados internacionais parece que a infiltração corporativa no meio público, como em universidades, foi longe demais.



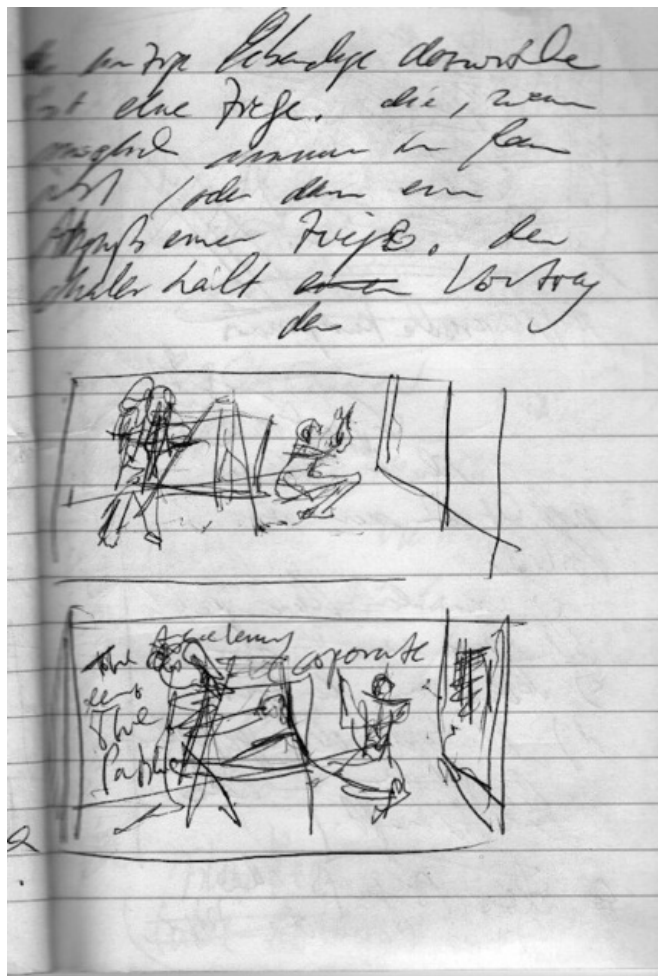
Os nossos órgãos educacionais se tornaram ruínas de projetos de hegemonia fracassados: patriarcado, neoliberalismo e sociedade civil. Aqui a pesquisa pode ser útil para analisar as possibilidades que se encontram por baixo dos escombros...

PROBLEMAS E VANTAGENS DAS PESQUISAS

Porém onde e como se pode falar de pesquisa? Nós temos que ter muito cuidado neste ponto para não fortalecer a atual histeria ao redor da pesquisa e através disto dissipar completamente o significado deste termo que tem sido usado de uma maneira inflacionada.

> *Alguns problemas com pesquisas:*

- * A pesquisa se degradou a ser somente uma justificativa para projetos (artísticos).
- * No meio tempo todo projeto tem que ser fantasiado de “pesquisa” para que tenha alguma perspectiva de obter incentivos financeiros.
- * Um típico linguajar de aplicação para pesquisas contamina todo projeto de pesquisa desde o início.
- * A pesquisa se tornou dentro de um plano mestre curricular somente uma atividade obrigatória.
- * Estudantes e professores são obrigados a pesquisar.
- * Esta pesquisa ordenada pela parte superior tem que ser controlada.
- * Devido a isto, critérios são criados para medir o sucesso e a qualidade de instituições e estudantes. Porém como nós podemos medir o sucesso de uma pesquisa? Através de um sistema de créditos e pontos? Através de provas e uma avaliação externa?
- * Os projetos de pesquisa são avaliados e notas são dadas. As próprias universidades são avaliadas, recebem notas e são postas em concorrência uma contra as



outras. Para isto existem empresas externas e agências de classificação.

- * Avaliação externa se torna facilmente um órgão de controle e vigilância.
- * O que se chama de “excelência” é resultante do controle e do que é conveniente.
- * O controle se inicia onde as decisões são tomadas sobre quais projetos receberão um incentivo financeiro e quais não; isto significa que alguns projetos não tem chance alguma por serem considerados muito críticos ou por não corresponderem à ideologia predominante. Neste ponto se pode até falar de uma censura preventiva.

- * Devido ao fato de que na maioria dos casos somente projetos que prometem um lucro recebem um incentivo financeiro já no momento da aplicação o lucro é visado.
- * A previsão do lucro e conseqüentemente a previsão dos resultados, contrariam o princípio da pesquisa livre que é aberta para qualquer tipo de resultado sem qualquer conceito pré-formado.
- * Mas o pior de tudo é que para os pesquisadores envolvidos todas estas medidas eliminam qualquer prazer e satisfação no trabalho de pesquisa.
- * Estas medidas impedem um sistema educacional com paixão e devoção e são contraproduativas para experimentos e pesquisas.
- * Pesquisar sob estas condições é somente deprimente – se acabou-se a “gaia ciência”.

> ***Vantagens ...***

Do outro lado a pesquisa poderia oferecer muitas vantagens:

- * Pesquisar é imprevisível e misterioso – portanto perigoso! –, como uma viagem de aventuras para uma terra desconhecida.
- * A pesquisa não tem um resultado predefinido. Um resultado final não pode ser previsto nem prometido. Estratégias e métodos são muitas vezes definidos no respectivo momento ou se baseiam em experimentos e pesquisas anteriores. Pesquisa é muitas vezes improvisada e não pode ser controlada da maneira como muitos patrocinadores desejariam.

Assim o engenheiro cibernético Heinz von Foerster, por exemplo, fez aplicações pa-

ra incentivos financeiros para pesquisas cujos resultados ele já tinha em mãos.

Desta maneira ele pode usar livremente o dinheiro liberado para financiar projetos da sua própria escolha.

- * No meu entendimento do termo pesquisa ele deve procurar ir contra as suas próprias barreiras internas.
- * A pesquisa também deve procurar neutralizar as restrições exteriores (variável de ambiente, pontos cegos, mecanismos de controle etc..) no sentido de não influenciar os resultados da pesquisa e a reflexão dos resultados.
- * Neste contexto, a pesquisa pode também usar métodos de pesquisa não comuns: Greve, obstrução e protesto não são somente imagináveis como também devem ser vistos como experimento que pode levar a um novo e enriquecedor conhecimento.

> ***Sobre a necessidade da pesquisa nas artes***

Na área artística atualmente se observa uma certa atitude de “tudo vale” – algo que faz com que tudo seja indiferente e ao mesmo tempo torna tudo entediante. Tudo parece permitido contanto que produza os desejados produtos novos.

Nesta situação a arte e a moda necessitam de constantes tendências e novidades que façam uma coisa parecer mais atraente que a outra. O duvidoso resultado deste reconhecimento é que mecanismos do mercado parecem ser mais interessantes do que as “inovações” artísticas.

Para ir contra a função da arte como mero fornecedor da ideologia do mercado eu sugiro que a pesquisa da arte seja vista como

uma ferramenta epistemológica. Ela deve ser vista como um caminho para o reconhecimento, um instrumento para abrir o mundo, como um teatro para a reflexão sobre o papel da arte como arte, como uma pintura que até pode nos entreter.

TIPOS DE PESQUISA

A seguir, eu gostaria de me colocar como objeto de pesquisa e expor o meu envolvimento com três diferentes processos: auto-habilitação, auto-organização e pesquisa. Para isto eu sugiro três categorias:

pesquisa pubertária, boêmica e institucional.

Estas categorias não devem ser vistas como conceitos fixos e sim como uma interpretação do meu passado e desenvolvimento como artista (e pesquisador).



> **Pesquisa pubertária**

Baseando-me no meu período como estudante no final dos anos 70 eu vejo o fenômeno ou métodos na área das artes possivelmente como pesquisa pubertária.

Estas estratégias foram usadas neste tempo pelo movimento punk ou no geral sempre que o mundo parece definido, determinado ou inacessível.

Desde a nossa infância os nossos pais, a escola e a mídia nos mostram como o mundo deve ser visto, denominado e interpretado. Para jovens muitas vezes o mundo aparenta não dar a possibilidade de uma posse individual e subjetiva deste mundo predefinido. Não existem espaços ou locais livres e tudo está repleto de definições.

Portanto, é compreensível que a geração jovem procura se reinventar em um meio sem perspectiva. Porém como isto é possível? Às vezes ajuda usar esta sentida impotência como alavanca: Você não tem chance porém use-a!

Como se pode transformar uma fraqueza em uma força? Estratégias pubertárias procuram possibilidades para negar as predefinições e desafiar e ridicularizar o poder da definição.

* Como então é possível testar os limites, provocar e ultrapassar?

* Não é necessário saber o que se quer – é necessário saber o que não se quer. Ignorância pode ser estratégica: Só sei que nada sei!

* Tomada de posse dos meios de produção! No final dos anos 70 a pintura ainda era a disciplina cultural mais famosa. Isto era possível reverter facilmente. A pintura podia ser usada contra a pintura. A cor era extremamente barata e a pintura

poderia estar pronta em pouco tempo se feita com o devido desrespeito.

* O código podia ser usado contra o código. O bonito é feio!

Todas estas estratégias podem ser vistas como processos de auto-habilitação, auto-educação e criação de identidade. O ato de se recusar a acreditar na antiga ordem modificou o status daqueles que antes não tinham poder.

Estes processos podem ser vistos como pesquisa experimental. Por motivos evidentes eu os chamo de “pesquisa pubertária” porém, alguns elementos podem ser observados em crianças pequenas: quando por exemplo elas engatinham no chão da cozinha e tiram panelas e frigideiras do armário e começam a bater nelas... A mãe dá uma bronca e coloca as panelas no seu lugar porém depois de 5 minutos a cena se repete e prossegue até que a mãe, já quase perdendo a paciência, dá um fim a situação.

Esta fase inicial da pesquisa experimental testa o mundo e vai contra a correnteza, opõe-se a regras estabelecidas e sonda os limites do poder.

Este modelo de pesquisa é muito querido nas academias de arte alemãs. A maioria dos artistas faz jus a este modelo a vida toda porque ele fortalece a imagem do artista como leigo genial. Este é pubertário, antiautoritário e singular, extremamente subjetivista, extremamente individualista e de certa maneira ingênuo.

Devido a estes motivos a pesquisa pubertária não poder ser vista como uma verdadeira pesquisa no sentido preciso da palavra. Não existe reflexão, quase nenhuma tentativa de avaliação, nenhuma consciência no papel de pesquisador e nenhuma reflexão sobre este papel.

> *Pesquisa boêmica*

Friesenwall 120 era uma loja vazia em Colônia no início dos anos 90 na qual eu trabalhava junto com os artistas Josef Strau, Nils Norman, Kiron Khosla e Merlin Carpenter.

Desde o início nos víamos a possibilidade de uma galeria ou uma galeria de produtores como não atraente. Uma galeria de produtores é uma galeria que é administrada e financiada por artistas que lá apresentam os seus trabalhos e de amigos. No nosso ponto de vista isto é mais uma auto-ajuda do que uma auto-organização. Uma tentativa de copiar os hábitos e métodos do comércio das artes para ter parte neles.

Para tentar ir por outros caminhos nós precisamos rejeitar a qualidade normativa destes formatos e analisar como eles definem objetos de arte, produtos e a sua recepção. Na nossa situação semi-pública nós conseguimos experimentar as possibilidades do próprio espaço e criar situações que inspirassem uma troca entre nós e a participação em experimentos.

O espaço então se tornou um tipo de ponto de encontro e um lugar para passar o tempo juntos e para trabalhar. Ao redor destas atividades surgiu uma cena artística que, em contrapartida, formava o espaço também. Esta constituição mútua pode ser vista como autolegitimação tão como processo de educação, formação e desenvolvimento. Ao mesmo tempo o espaço também funcionava como arquivo que documentava as atividades e as inspirava.

Logo nós entramos em contato com outros projetos auto-organizados. Estes foram fanzines, espaços em Viena, Hamburgo, Berlim e artistas que estavam criando uma rede eletrônica naquele momento que era chamada de “The Thing”.

Citando Fohrmann/Schüttpelz eu nomeio estas atividades de “Pesquisa boêmica”.

- * Porque elas estão localizadas em um contexto boêmico .
- * Aqui se encontram pessoas por livre arbítrio. Elas tem os mesmos problemas mas trazem conhecimentos diferentes e diferentes estórias. Para que a atração mútua seja canalizada para um discurso diferenciado, as pessoas envolvidas precisam ser diferentes porém ao mesmo tempo parecidas o suficientemente.
- * Isto pode resultar em um trabalho coletivo produtivo que eu chamo de “Pesquisa”.
- * Este trabalho ocorre de iniciativa própria e é basicamente definido pela dinâmica do grupo.
- * Na maioria das vezes o objeto da pesquisa são problemas óbvios provenientes do dia a dia. É a pesquisa da vida pela vida.

Quase todos os grupos de vanguarda do século 20 (os surrealistas, situacionistas, Kommune 1 etc.) praticavam estes métodos de pesquisa coletiva.

Nesta pesquisa existem instrumentos críticos para a auto-observação e análise (arquivos, protocolos e diários), estratégias de planejamento e métodos para a execução de experimentos. Existem processos e critérios para a avaliação que podem resultar em mais experimentos. Aqui nós encontramos uma consciência necessária para a pesquisa.

Este período de pesquisa boêmica foi para mim a experiência da qual eu mais aprendi. Esta foi a minha academia, a minha educação! Na minha concepção de auto-organização ela é, sobretudo, um ato de auto-educação e formação e uma possibilidade de “fazer uma academia”. Este reconhecimento me levou a pensar sobre a academia e a sua história:



> ***Pesquisa Institucional, Discurso***

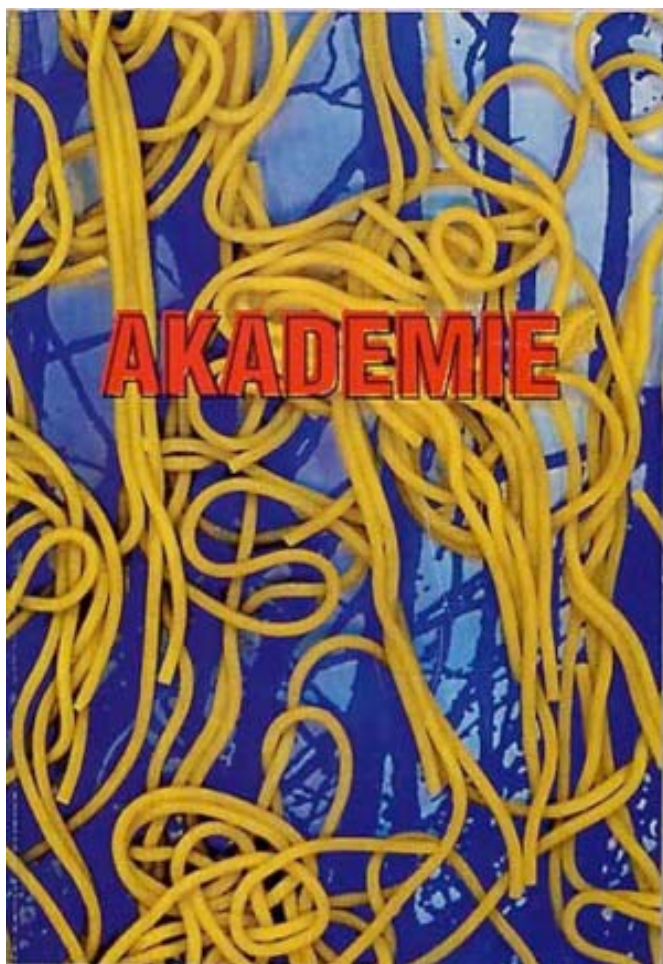
Tendo em vista o desenvolvimento da academia de arte e da universidade nós temos que diferenciar entre métodos de produção de conhecimento e educação universitária.

A universidade se desenvolveu em três fases:

- * Na fase escolástica predominantemente dogmas cristãos foram interpretados e justificados.
- * Na universidade que foi especialmente influenciada por Humboldt a pesquisa deveriam ser um processo que leva ao autoconhecimento individual. Durante este processo a pesquisa, educação e aprendizado deveria andar de mãos dadas. Com a introdução do seminário foi dada ênfase

ao trabalho em grupo e à troca mútua e possivelmente livre de hierarquias.

- * Com a introdução do processo de Bolonha este modelo que hoje se encontra passando por uma mudança radical e uma nova definição do novo papel das universidades ainda não foi criada:
 - ** Pode-se dizer que a universidade é um sistema aberto que motiva a criação de comunidades ao redor da produção de conhecimento?
 - ** Ou ela é tendencialmente fechada e restrições para o acesso a educação e pesquisa são criadas para se aproveitar esta escassez?
 - ** Ou a universidade se tornará um prestador de serviços: profissionalização efetiva dentro de uma corporação do conhecimento?



A academia já nos seus primórdios criava outras formas de aprendizado.

- * No início a academia não era mais do que uma pequena floresta com o mesmo nome na qual Platão e seus alunos discutiam e andavam por ela.
- * Durante o ressurgimento de Platão na renascença estas formas de aprendizado e educação em grupo foram redescobertas. As academias nesta segunda fase se chamavam “Sociedades Instruídas de Amadores e Leigos”. Os seus encontros podem ser imaginados como evento informal. Os espaços são improvisados e o tempo era limitado. E eles procuravam se libertar das instituições estagnadas – o que também foi atingido. Logo as auto-organizadas “Sociedades Instruídas de Amadores e Leigos” criaram o seu próprio programa de suporte para a nova geração que Platão deu o nome de “Academia”.

* Este órgão educacional foi formalizado e institucionalizado no decorrer do tempo. Após cem anos a academia do rei absolutista já tinha regras artísticas predefinidas e normas, estruturas curriculares e sistemas de pontuação.

Esta é provavelmente uma imagem conhecida: A academia absolutista encontra o seu fantasma tecnocrático na forma do processo de Bolonha. Muito parecido com o que ocorre atualmente, a academia absolutista já naquele tempo supria os poderosos com estilos diferentes a cada temporada e know-how estético de design de produtos para fazer produtos mais atrativos para o mercado (estrangeiro).

* Os artistas do romantismo se defendiam contra esta educação sentida como tecnocrática e utilitária. Eles propagavam um conceito de educação que visava um retorno ao conceito de educação da idade média no qual o mestre tem o monopólio sobre a educação dos seus aprendizes.

Porque o romântico e auto-poético gênio não pode ensinar como se tornar um romântico e auto-poético gênio, a academia até hoje não tem um método de ensino de pesquisa. Ela ocorre no passado e presente através da cópia de estilo e hábito dos grandes mestres. Por isso a academia é um local de reprodução “romântica”.

Ao contrário disto eu vejo a academia

* como um contexto de comunicação temporário, improvisado e auto-organizado.

* não como uma instituição e sim uma atividade: O que importa é “fazer uma academia”!

Esta é uma forma de troca com semelhantes o mais anti-hierárquica possível. Um processo de auto-habilitação.

> Pesquisa institucionalizada nas artes

Depois que eu escrevi um livro sobre a ideia de uma academia auto-organizada e livre de instituições e viajar como um pregador para popularizar minhas ideias, ofereceram-me uma vaga como professor na academia de Bergen, na Noruega. E aqui estava eu sentado e pensando para que se precisa de uma academia já que todos poderiam criar a sua própria academia.

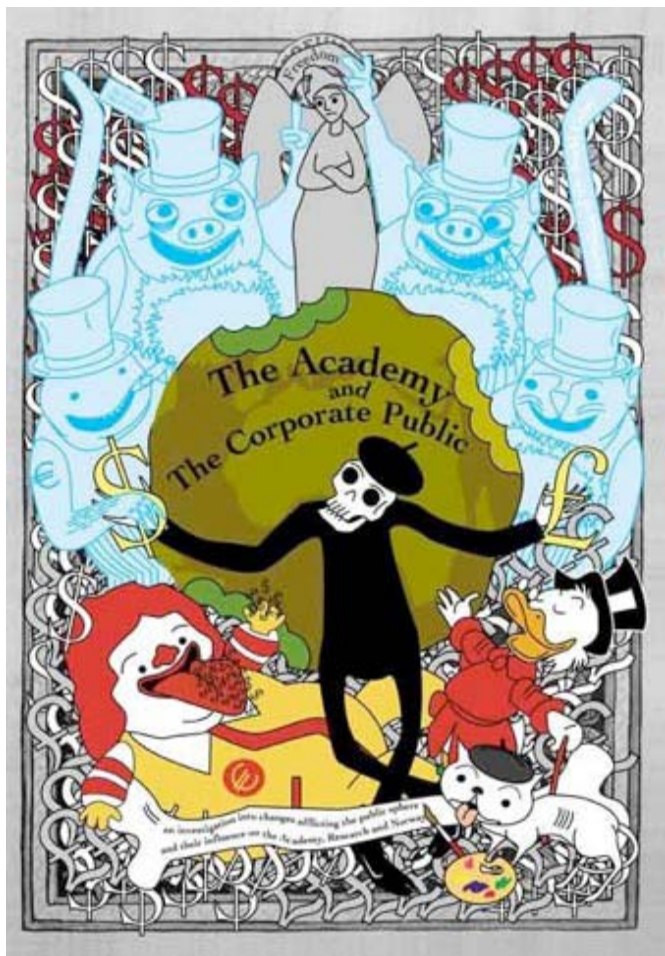
Ao mesmo tempo a academia “Kunsthøgskolen i Bergen” foi abençoada com um grande incentivo financeiro e os docentes foram orientados a procurar projetos de pesquisa. Halina Dusin-Woyseth foi recomendada a mim como consultora de pesquisas. Ela deveria me explicar como pesquisa deve ser estruturada dentro de um contexto universitário:

* Normalmente nós começamos as nossas pesquisas na universidade com um problema, ela começava a contar. (Eu admiti que na verdade eu tinha muitos.)

* Então nós começamos a pesquisar quem já trabalhou com este problema, como ele fez isto e quais foram os resultados obtidos. (O que me parecia lógico.)

* Esta investigação não é pesquisa e sim um primeiro passo necessário e uma coleta de dados. Esta coleta de dados só pode acumular conhecimento que já existe, ao contrário da pesquisa que é um processo de aproximação a algo que ainda não existe. (Interessante! Pois nesta época muitos artistas coletavam dados sobre muitos problemas e muitas vezes somente mostravam o material encontrado – isto aparentemente não pode ser chamado de pesquisa!?)

* A resultante desta coleta de dados deveria ser a formulação de uma visão específica sobre o problema e que exponha uma



ideia de como se pretende continuar a aproximar deste problema. Isto é chamado de *status questionis* ou “o objeto a ser questionado”. (Ah! então a formulação do problema se especifica através da coleta de dados.)

- * Para uma continuação do procedimento métodos efetivos devem ser concebidos provenientes de suas áreas específicas. (Obviamente artistas usariam métodos artísticos!)
- * Interdisciplinaridade não é o melhor método em si e somente faz sentido caso a própria disciplina tenha-se tornado restrita demais. (Para isto é necessário que existam disciplinas e um conhecimento especializado.)

* O elemento mais importante no processo de pesquisa é a experimentação! A experimentação é necessária necessários para se descobrir se o caminho escolhido é apto a atingir o objetivo de solucionar o problema e também se o próprio problema possivelmente se modifique durante a experimentação. Provavelmente noventa por cento de todos os experimentos falham, mas isto não importa, caso contrário não seriam chamados de “Experimentos”. (Isto me faz feliz!)

* A reflexão sobre o processo de pesquisa e a análise do experimento são muito importantes para a continuação do projeto de pesquisa. Somente após isto se pode iniciar o próximo experimento. Provavelmente ocorrerão séries de experimentos e avaliações que acompanharão os pesquisadores na sua viagem rumo ao desconhecido (Porém quem avalia a continuação dos experimentos?)

* Naturalmente em primeiro lugar são os próprios pesquisadores, o *time* e então um *peer group* que avalia a experimentação, seguidos com peritos das respectivas áreas e instituições e críticos institucionalizados. Isto corresponde a um crescimento concêntrico dos mecanismos de controle, da crítica e da percepção pública.

* Exposições, manifestos, avaliações críticas, brochuras, livros, websites e placares podem ser compreendidos como parte do experimento, assim como podem fortalecer o efeito público da pesquisa.

Após este conceito de pesquisa institucional e universitária me ter sido apresentado eu tive que admitir para a minha própria surpresa que tudo aquilo que eu havia ouvido poderia ser aplicado à minha prática artística e no geral à criação de arte.

PARTE II – A ACADEMIA E O PÚBLICO CORPORATIVO

Com os projetos de pesquisa iniciados em Bergen eu queria pesquisar como o conceito de relações públicas alterado pela globalização, privatização e corporações influencia a área artística.

O precedente conceito de um público nacional no qual idealmente um debate público ocorre esta se dissolvendo. Hoje nós precisamos falar de inúmeros públicos que se diferenciam ao longo de uma diferença subcultural, étnica, sexual e de classe social que se misturam ou podem entrar em conflito uns com os outros.

Porém o que estes fragmentos de públicos têm em comum? Na minha opinião o denominador comum é o fato de que todos estes fragmentos representam mercados ou mercados novos a serem explorados.

Eu chamo esta propagação do público de “Público Corporativo”. Ela deve ser compreendida como em direta dependência (e também contradição) de uma economia corporativa. É o mercado o único lugar no

qual uma propagação do público é criada? O que isto significa para a arte?

Distopia contemporânea:

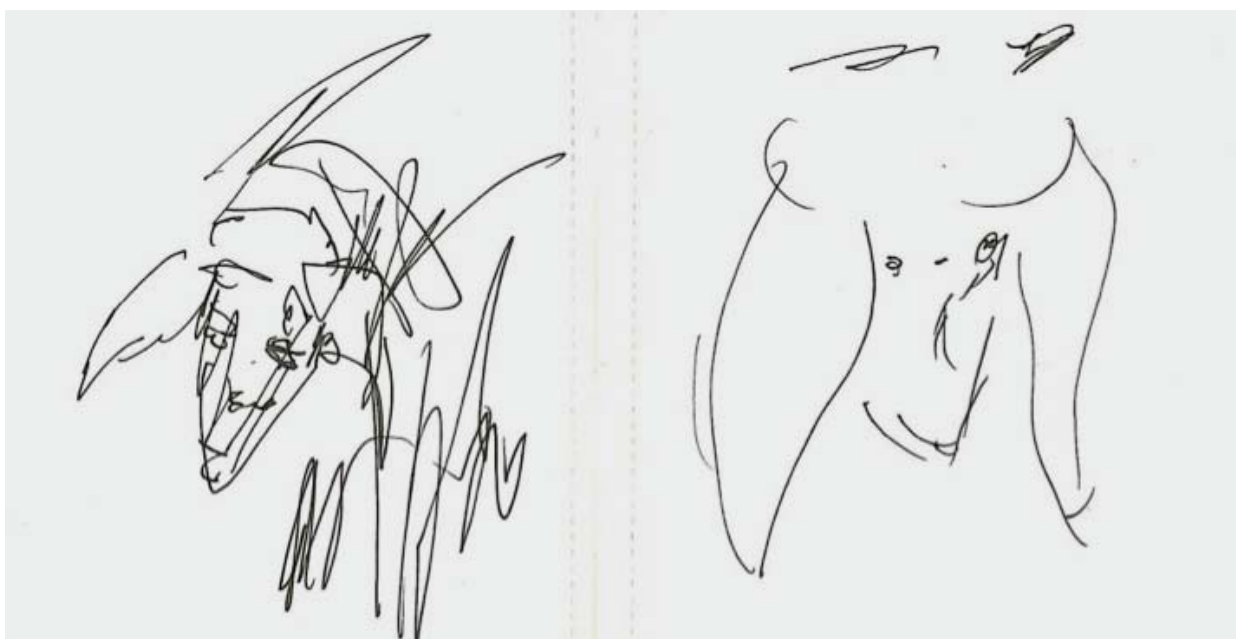
Patrocínio, estabelecimento de marcas, responsabilidade social corporativa

Mas como isto aconteceu que o público se tornou um público corporativo? Como surgiu o público corporativo? Me chame como testemunha!

Nos anos 80 nós tínhamos o PATROCÍNIO:

Aqui as corporações ainda têm um papel relativamente passivo como apoiador das artes, como mecenato altruísta. Porém pesquisas provaram que o patrocínio é a melhor propaganda, pois os grupos alvo são endereçados mais diretamente.

Enquanto os logotipos (e egos) das empresas como consequência ficaram cada vez maiores, os potes de incentivo financeiro estatal e comunal ficaram cada vez menores. Patrocinadores públicos aparentemente ficam muito felizes ao poder repassar



decisões e responsabilidades a empresas privadas. Através deste recuo da mão pública, a dependência de patrocínio de empresas privadas só se torna maior. Isto é problemático!

Porque o engajamento dos patrocinadores é somente dependente da vaidade da própria imagem ou cálculos de mercado, as decisões sobre projetos a serem patrocinados se tornam unilaterais e arbitrárias. Na maioria das vezes não existe uma legitimação democrática, nenhuma segurança financeira em longo prazo. Devido ao fato de tudo depender da boa vontade de patrocinadores, o incentivo financeiro permanece permanentemente precário e isto permite ao patrocinador a ter influencia e controle sobre os projetos a serem apoiados.

Então nos anos 90 veio o estabelecimento das MARCAS:

Ao invés de fazer propaganda com o fato de estarem patrocinando a vanguarda muitas corporações querem agora se tornar a própria vanguarda! Processos artísticos e estratégias de emancipação de grupos de subcultura são muitas vezes usados e monopolizados para fins de mercado sem nem sequer serem perguntados. Já se observou e estudou artistas tempo suficiente e agora eles já podem se comportar como um artista e criar uma definição artística e tirar lucros inimagináveis de um produto fabricado com os meios mais baratos possíveis. O nome da marca funciona como assinatura que aumenta o valor do produto.

Nós falamos de RESPONSABILIDADE SOCIAL CORPORATIVA (CSR) ...

quando empresas privadas se engajam em projetos e órgãos sociais e assumem responsabilidades de instituições públicas. Na virada do milênio grandes corporações começaram a fazer o papel do “bom samaritano” e a se apresentar como garantia na

área de projetos sociais: a McDonald’s criou um hospital para crianças, a Shell se apresenta como salvadora do meio ambiente, em Berlim o nome da biblioteca foi mudado para “Biblioteca-Volkswagen” e a Siemens cuida do futuro das academias de arte... uma imagem conhecida!

Enquanto nós olhamos paralisados perante os nossos olhos ocorre a privatização da área pública... Como compreender esta nossa profunda paralisia?

Educação Corporativa

Quando as corporações partiram para conquistar a educação,

* elas não somente fizeram isto para conquistar as universidades como um novo mercado para os seus produtos,

* elas também não fizeram isto somente para tirar proveito diretamente do processo de educação,

* o seu real objetivo era usar as estruturas de ensino e educação para introduzir na nova geração o “novo espírito do capitalismo”.

EDUCAÇÃO COMO PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS:

* Esqueça a educação! As universidades serão prestadoras de serviços de um conhecimento meramente formal. A conexão de Humboldt entre pesquisa e educação será dissolvida. Educação se torna prestação de serviço e pesquisa se transfere para grandes corporações.

* Os estudantes formam um chamado capital humano do qual já se tem um lucro. Como consumidores de prestação de serviços eles são convidados a pagar no caixa.

- * Com isto as corporações educacionais formam os seus elementos de produção que são tidos de uma maneira flexível e sempre disponível. Para isto estes elementos têm que se compreenderem como produto, por si mesmos ativar o seu conhecimento formal e social e se vender.
- * Eles também precisam aprender a compreender esta existência como *conditio sine qua non* e se identificar com as instituições que apoiam este processo.

Criação de novas estruturas

Ao invés de ser um local para a auto-modelação, para discussões e análises críticas a universidade se torna um instrumento para a criação de uma nova ideologia. E este processo que propaga uma totalização do mercado é por si mesmo um mercado rentável.



As estruturas existentes são alteradas de acordo:

- * O bacharelado é uma qualificação básica que promete as “entidades pagadoras” flexibilizadas um futuro com um emprego na indústria. Com uma entrada fácil ele é acessível.
- * O mestrado que se segue qualifica o “escolhido” para à sua profissão – aqui o acesso é mais restrito e somente se abre para aqueles que podem pagar. Somente 40 até 60 por cento dos estudantes de bacharelado estarão em condições de entrar nesta elite. Aqui está – e não é uma surpresa – o verdadeiro lucro.
- * A educação continuada é um mercado novo muito concorrido. O conhecimento tem que ser atualizado constantemente e na concorrência profissional se necessita de certificados que provam esta atualização. Pelo tempo da sua vida profissional você deve ser acorrentado a este serviço de produção de conhecimento. As atualizações também podem custar uma certa quantia pois os clientes já possuem um trabalho e podem pagar.

Nós nos tornaremos testemunhas da implementação de um conceito de vida abrangente de um fornecimento de conhecimento pago. Do começo ao fim se deve criar o próprio capital, estabelecê-lo, manter ele vivo permanentemente, comercializá-lo e revitalizá-lo.

Universidades se tornam corporações

A antiga “fábrica de conhecimento” dos anos 70 se tornou a nova economia. Universidades serão sociedades de capital que atuam globalmente com iniciativa própria. Elas conquistam mundialmente novos mercados, constroem redes e subempresas e estabelecem a suas marcas na área do conhecimento.

Por isto elas estão diretamente ligadas a consultores empresariais (como McKinsey, Roland Berger, Ernst & Young) e propagam as conhecidas alterações estruturais: reorganização administrativa, diminuição do tamanho, terceirização, fusão, estabelecimento de marcas, franchising...

Perguntas: Com qual parceiro trabalha a universidade corporativa nos seus projetos de pesquisa? De quem serão as patentes que resultarão deles? Quem estará autorizado a propagar o conhecimento adquirido? Quem estará autorizado a usá-los?

Uma nova totalidade será reproduzida.

Como nós vimos, a lógica neoliberal do mercado será também o princípio dominante nas universidades. O mesmo já ocorreu nos últimos anos em outras áreas da sociedade. Ignorando os governos eleitos democraticamente e seus sistemas jurídicos muitas grandes corporações conseguiram, com a ajuda de organizações supranacionais e acordos (WTO, GATT e recentemente GATS), dominar quase todos os mercados e áreas públicas.

Isto chega até ao suprimento de necessidades básicas da sociedade (ar, água, energia, construção, mídia, saúde, hospitais, asilos) que foram privatizadas. Se nós sairmos do ponto de partida de que (ainda) vivemos em uma sociedade democrática, então estas privatizações representam uma apoderação de bens da sociedade.

Há alguns anos atrás a desapropriação de funções do estado através de corporações era somente uma questão de criação de imagem e estabelecimento de marcas: o poder do estado se torna o poder das corporações! Mas no meio tempo as corporações já penetraram profundamente nas estruturas sociais e até muito mais do que o estado jamais teria podido: Agora as

corporações se tornaram um elemento integral de nós todos!

Nós consumimos corporações o tempo todo! Nós vestimos corporações, nós comemos, bebemos, amamos corporações, nós as vemos, pensamos e sentimos corporações...

Fora o fato das corporações supranacionais já possuírem todas as receitas, patentes e direitos autorais, a apoderação da reprodução (de instituições educativas) significa que este “novo espírito do capitalismo” irá produzir as próximas gerações. Como uma injeção de um código genético, esta nova ideologia irá se auto-reproduzir. Estas estruturas são programadas de acordo e uma reconstrução do estado inicial não é possível.

Eu já me encontro em uma nova totalidade – isto soa um pouco paranoico. Só sei que nada sei.

Sociedade do conhecimento – Fontes abertas, acesso aberto

Conhecimento é uma fonte única. André Gorz escreveu:

- * Conhecimento não é um produto qualquer.
- * Conhecimento se multiplica milagrosamente ao ser dividido com outros.
- * Quanto mais conhecimento se usa, mais conhecimento se produz.
- * A sua propagação aumenta o seu efeito.
- * O seu valor financeiro não pode ser definido.
- * A privatização o reduz e contradiz o seu princípio interior.

Especialmente em tempos de recursos cada vez mais escassos este maravilhoso instrumento vem na hora certa. Ele se multiplica ao ser usado! Existe um suprimento infinito dele! O seu valor financeiro não pode ser medido!? Qual seria a patente de $1 + 1 = 2$ ou o preço das fórmulas de Einstein?

A lógica capitalista diz que para poder extrair um lucro do conhecimento o seu acesso precisa ser restringido. Um suprimento básico de conhecimento tem que ser pago, conhecimento adicional custa mais, pois ele também qualifica mais! Pesquisa precisa ocorrer em círculos fechados, o know-how controlado através de patentes e protegido por copyright etc...

O conhecimento é supostamente o óleo do século 21. E imediatamente nós somos testemunhas de lutas pela propagação do conhecimento e privatização. A tomada das universidades, as patentes também de seres vivos, a ampliação do direito autoral para todas as áreas da produção de conhecimento são estratégias de privatização para tirar lucro da escassez.

Este processo anda de mãos dadas com o controle e monitoramento de todos os meios de comunicação humanos, pois aqui também se produz e se divide conhecimento: internet, televisão, telefone, mídias visuais e o espaço público.

CONCLUSÃO

Enfim artistas, pesquisadores, cientistas, estudantes e docentes: onde vocês se posicionam?

Somos nós hoje artistas do rei? Nós contribuimos para este domínio capitalista porque nós o acompanhamos na sua cruzada vitoriosa pelo planeta?

Eu penso que a pesquisa nunca é neutral ou somente lida consigo mesma. A pesqui-

sa tem que se deparar com as contradições deste mundo e as mudar. Através do seu conhecimento e reconhecimento, dos seus experimentos e lutas ela será vitoriosa!

Devido a este fato a pesquisa em instituições é necessária, porém a lógica institucional também a restringe muito. É por isso que eu chamo a boêmia às armas!

A pesquisa boêmica assume um novo e importante papel como último refúgio para uma produção de conhecimento sem restrições.

Pesquisa boêmica é auto-organizada (*nós nos lembramos*):

- * Ela provém de condições existenciais e tem a sua própria propulsão.
- * Ela investe na investigação de problemas importantes.
- * Ela é um ponto de cristalização para pensamento crítico e o último refúgio para dissidentes políticos e análise crítica fora de qualquer controle social.

Enquanto os conflitos se agravam nós continuaremos a viver nas ruínas do patriarcado e do neoliberalismo. Criar algo novo a partir disto precisará de fôlego.

- * Como nós podemos criar fundamentos sólidos para um conhecimento duradouro que seja acessível a todos e que seja construído junto com outros?
- * Como este conhecimento se diferencia da elitista, tecnocrática e auto-nomeada “sociedade do conhecimento” que tenta forçar o seu suposto direito de posse sem considerar os milhares que para isto têm que fazer o trabalho sujo?
- * Nós precisamos de pesquisa que leve a uma fundamental mudança social.

* Nisto gestos simbólicos são muito importantes. A atenção e o significado que a arte e o conhecimento têm precisam ser usadas. Mas isto não é suficiente!

* A pesquisa precisa sair das instituições seguras e ir para as ruas. A pesquisa precisa tomar partido e proteger o seu mais importante recurso – conhecimento contra a atual privatização – : sem patentes, sem copyright e sem restrições de acesso!

Nós precisamos lutar contra a crescente privatização e dividir o aprendizado porque para crescer o conhecimento tem que ser acessível a todos.

Há tanto a fazer, e uma pesquisa que queira contribuir para isto jamais foi tão necessária como hoje!

Este será provavelmente um longo caminho porém este é um jogo novo, custa muito esforço mas também promete muito prazer e satisfação!

**Venha comigo,
vamos começar já! Agora!**

2010 Stephan Dillemath

